

FACES DA EXTINÇÃO¹

Diego Aparecido MIGOTTO²
Carlos Eduardo Camargo Aranha SCHIAVO³
Universidade de Taubate, São Paulo, SP

RESUMO

Faces da Extinção é um projeto cujo objetivo é documentar e expor um outro lado da realidade social brasileira, retratando a cultura indígena, natural dessa terra. Numa expedição fotográfica de sete dias na aldeia Haliti-Paresi no nordeste do estado do Mato Grosso, imergimos na realidade desse mundo e resgatamos retratos de um povo sobrevivente ao fator globalização e em constante transformação sociocultural. O material resultante dessa expedição foi uma exposição fotográfica e um livro reportagem.

PALAVRAS-CHAVE: índio; cultura; sociedade; Brasil; fotografia.

1 INTRODUÇÃO

Estudos arqueológicos feitos no Rio Amazonas mostram que uma população aproximada de 5 milhões de pessoas desapareceu das margens do rio durante a colonização do Brasil. Por volta do ano 1000, a maior floresta tropical do planeta estava repleta de sociedades indígenas. Muitas hierarquizadas e organizadas ao ponto de liderar exércitos. Outras se resumiam em pequenos grupos de caçadores nômades. Naquele período, as fronteiras do Brasil conhecidas atualmente eram desconhecidas pela população original deste país. As sociedades daquele período falavam línguas variadas e muito diferentes entre si, uma comparação do português com o russo, por exemplo.

Em pouco mais de meio século depois da colonização do Brasil, a população indígena brasileira foi dizimada. Estima-se que hoje vivam cerca de 460 mil índios no país, distribuídos entre 225 sociedades indígenas, que perfazem cerca de 0,25% da população brasileira. Cabe esclarecer que este dado populacional considera tão-somente aqueles indígenas que vivem em aldeias, havendo estimativas de que, além destes, há entre 100 e

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Produção Editorial, modalidade Ensaio Fotográfico.

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso Jornalismo, email: contato@diegomigotto.com/diego750@gmail.com.

³ Estudante do 6º. Semestre do Curso Jornalismo, email: kaducj@uol.com.br.

190 mil vivendo fora das terras indígenas, inclusive em áreas urbanas. Além de existirem grupos que estão requerendo o reconhecimento de sua condição indígena junto ao órgão federal indigenista.

A história do Brasil e do desenvolvimento humano mostram que enquanto o progresso beneficia alguns, acaba prejudicando quem depende da natureza para sobreviver.

É fato que a intervenção humana em nosso planeta é prejudicial a nós mesmos. Somos um povo em extinção. Alguns estudos afirmam que o aquecimento global é irreversível, outros estudiosos afirmam que para reverter a atual situação, o homem precisa parar com o avanço tecnológico e voltar a suas origens. Viver como os povos que nossos ancestrais dizimaram quando lotearam o Brasil.

Vivemos em meio a um avanço tecnológico incontrolável e irreversível. Novas tecnologias surgem a cada dia. Para estar inserido na sociedade moderna, é preciso acompanhar as mudanças tecnológicas e estar atento com as informações que surgem a cada segundo.

Poucos países no mundo possuem uma população tão miscigenada quanto a do Brasil. Mas apesar disso, os registros sobre os povos indígenas são escassos em nosso país. Este trabalho consiste em documentar as faces de um povo brasileiro que está em extinção há pouco mais de 500 anos, desde a chegada de Cabral em Porto Seguro.

2 OBJETIVO

Elaborar um ensaio fotográfico com grande reportagem registrando a cultura indígena e a influência do homem branco em uma aldeia no Mato Grosso, mostrando o que foi trazido do mundo externo para dentro da tribo e retratando o cotidiano dessa sociedade, seus costumes, trabalho e a cultura desse povo.

3 JUSTIFICATIVA

A razão da elaboração desse projeto experimental é mostrar por meio de fotografias o que se passa dentro de uma tribo indígena na atualidade. Apresentar para as pessoas a importância de uma cultura que há pouco mais de meio milênio era predominante no Brasil e o impacto do homem branco dentro desse extinto grupo social.

Utilizando técnicas avançadas de fotografia, iluminação natural e artificial, adquiridas ao longo do curso de Jornalismo, aprofundando os aspectos de fotojornalismo com a vasta gama de equipamento de ponta para produção fotográfica.

O ensaio fotográfico, segundo Jorge Pedro Sousa (2002), é uma história em fotografias que procura analisar a realidade e opinar sobre ela. Com essa forma de expressão o trabalho baseia-se na sociedade indígena influenciada pelo homem branco, e mostra o dia-a-dia do povo indígena Paresí, seus costumes, tradições e a influência na cultura desse grupo social.

A relevância desse trabalho para o meio acadêmico é pertinente pois há poucas publicações com esse tipo de material fotográfico na região escolhida.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Faces da Extinção é um ensaio fotográfico com grande reportagem, feito com o intuito de retratar um momento histórico-cultural em que os índios Paresís estavam passando enquanto estivemos acampados na reserva indígena.

Escolhemos o formato ensaio fotográfico pois nos permite trabalhar melhor com a estética das fotografias, para isso, definimos um padrão de luz que trabalhamos em quase todos os retratos.

A ideia era utilizar uma técnica de fotografia que se baseia em fotometrar a luz de fundo cerca de 2 *stops* abaixo da exposição ideal, e utilizar um flash em um *softbox* como luz principal fazendo o preenchimento. Tudo isso ao ar livre, utilizando lentes claras, com uma grande abertura de diafragma, como F/1.4, F/1.8 e F/2.8 por exemplo.

Para isso pesquisamos em diversos sites, fóruns de fotografia e portfólios de fotógrafos para entender melhor essa técnica bastante utilizada para retratos de moda e cinema, mas ainda pouco explorada no fotojornalismo.

Tínhamos em mente que o retrato ideal seria feito utilizando essa técnica aliada com uma luz de fundo natural, do Sol de fim de tarde ou do amanhecer, deixando passar alguns raios por meio de árvores, formando um desfoque atrativo, com uma plasticidade artística. Para isso, todos os retratos foram feitos com uma Canon EOS 5D, que possui sensor Full Frame, e uma objetiva 50mm F/1.4 que possibilitou desfoques mais profissionais do que as outras câmeras que tínhamos a disposição.

Utilizamos um *softbox* pequeno e portátil que levávamos para todo lugar onde íamos para poder produzir esta luz.

Já as fotos documentais foram capturadas em diversos momentos, tanto com a Canon 5D como com a Canon EOS 50D. Em algumas ocasiões as fotografias foram feitas com uma Canon S-95 e uma Sony H9, devido a portabilidade dos equipamentos.

Com um texto escrito a 4 mãos, Faces da Extinção mostra nosso registro em formato de diário de bordo de um pequeno espaço de tempo em que ficamos acampados na aldeia.

O formato final do trabalho é baseado em uma revista, onde a grande reportagem se divide em capítulos, um para cada dia que ficamos na aldeia Rio Verde. O texto foi escrito com base no estilo de jornalismo literário, a fim de relatar por meio de uma história envolvente, descrevendo com muitos detalhes as fisionomias, cenários e nossas impressões sobre o que vivenciamos.

As fotos não foram colocadas na ordem cronológica em que foram capturadas, mas sim de acordo com que os personagens vão aparecendo no contexto da reportagem, pois nem sempre era possível fazer os retratos no ponto alto dos acontecimentos.

Cada um dos personagens principais da reportagem tem, pelo menos, uma página dupla com 1 retrato e *boxes* que destacam as suas opiniões sobre assuntos relevantes aos objetivos do trabalho, que em sua maioria são:

- Quem é o índio nos dias de hoje;
- O futuro do índio Paresí;
- O papel do índio dentro da aldeia;
- O papel da Funai em território indígena.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O trabalho foi definido no final de 2010, quando decidimos fazer um projeto diferente dos que já tinham sido feitos com o mesmo tema. Tínhamos pretensão de fazer uma expedição para uma aldeia indígena o quanto mais distante possível de onde residimos, preferencialmente em outro estado. Isso pelo fato de ter a possibilidade de explorar uma outra cultura no sentido mais amplo da palavra. Por coincidência conhecemos a etnia Paresí, por intermédio de um professor que havia nos contado algumas histórias da tribo.

A partir daí, foram inúmeros telefonemas e e-mails enviados para os órgãos competentes a dar autorização ao ingresso em território indígena.

O primeiro contato com a Funai e CNPq, em dezembro de 2010, quando pegamos a “Instrução Normativa 001” para entrar com a documentação inicial a fim de conseguir nossa autorização para ingresso em território indígena.

Nessa Instrução continham requisitos obrigatórios como cópia do pré-projeto, tomar vacina contra febre amarela, cópia da carteira de vacinação individual assim como atestado médico de não portador de moléstia endêmica contagiosa.

O levantamento de toda essa documentação levaram alguns meses, isso tudo porque nenhum médico se habilitava a garantir que seu paciente estava livre de moléstias endêmicas, sendo que qualquer gripe posterior a sua consulta, poderia fazer com que a viagem fosse cancelada. Sendo assim, toda papelada exigida foi enviada no mês de abril para a Funai.

Finalmente, conseguimos autorização do CNPq e da Funai no mês de julho, e, uma semana depois, compramos as passagens e fizemos o cronograma da viagem.

Ainda em São Paulo, ao contatar a sede regional da Funai em Tangará da Serra tivemos problemas com a autorização dos caciques das aldeias. O nome “Fases da Extinção” estava causando um desconforto e uma má interpretação nas nossas intenções, já que, por coincidência, toda a reserva indígena estava de luto, pois pouco antes de viajarmos, havia morrido 4 índios da tribo.

A princípio iríamos para a aldeia Formoso, mas nosso pedido foi negado pelas lideranças da aldeia. Viajamos sem saber se tínhamos nossa entrada autorizada e já com um “plano B”, caso as coisas dessem errado.

A aldeia que nos acolheu é liderada pelo cacique Carlito, filho do cacique geral dos Paresís, João Arrezomaé, e a autorização final para ingresso em território indígena só foi cedida pessoalmente na sede da Funai de Tangará da Serra, pelo próprio cacique.

A proposta do trabalho foi fazer um retrato histórico-cultural do momento em que os Paresís estavam passando enquanto estivemos lá. Para isso, fizemos um diário de bordo em forma de grande reportagem, com diversas informações e muito rico em fotografias. Junto a esta reportagem, será feita no dia da apresentação, uma exposição fotográfica com a ampliação dos retratos dos personagens dessa expedição.

Toda a apuração, entrevistas e fotografias foram produzidas nos sete dias em que estivemos em Tangará da Serra.

Todas as entrevistas foram realizadas em forma de conversa, utilizando gravadores, blocos de nota e até vídeo, mas grande parte delas foram registradas apenas em nossa memória, já que, muitas vezes, até o papel e a caneta intimidavam os índios. Em alguns casos, as gravações ficavam muito extensas, principalmente nas entrevistas com os índios mais velhos, que gostam muito de contar histórias.

As conversas normalmente aconteciam de dia, quando saíamos do acampamento para alguma aldeia, ou almoçávamos com os índios.

A parte mais difícil durante toda nossa estada na reserva indígena, foi fotografar. Primeiramente era necessário ter autorização prévia do cacique da aldeia em que pretendíamos fotografar. Isso não foi difícil já que os caciques não nos limitavam a trabalhar. Porém, fazer com que os personagens topassem ser fotografados e deixá-los a vontade em frente as câmeras, foram tarefas muito difíceis, até porque eles apenas se caracterizam como índios durante comemorações e festas tradicionais. Cada retrato era feito em no máximo dois minutos, se prolongássemos muito esse tempo, o personagem em questão praticamente desistia e ficava aborrecido. Então fazíamos diversos testes prévios para que a foto fosse certa, repetindo o máximo de vezes as mesmas fotos para conseguir obter diversidade de enquadramento.

Muitas informações foram apuradas durante a viagem para a Ponte de Pedra, quando tivemos a oportunidade de passar um dia inteiro viajando por diversas aldeias do território indígena Paresí, acompanhados do cacique geral João Arrezomaé e do professor Salomão.

Ganhar a confiança dos índios não foi algo fácil de se conseguir. Muitos deles não têm o português fluente, o que dificultava muito a comunicação.

Em diferentes situações, os Paresís se limitavam a responder o que perguntávamos e voltavam a conversar em Aruak entre eles. Em outras, começavam a falar e não paravam mais, abordando diversos assuntos até chegar no ponto onde queríamos, isso quando não fugiam da pergunta e ficavam sem responder.

Foram impostas muitas barreiras até conseguirmos entrar no território indígena, o termo de uso de imagens dos índios é gigante e contém muitas restrições quanto a publicação das fotografias. Portanto, precisávamos andar sempre com um termo de

autorização de uso de imagem para poder recolher as assinaturas e publicar as fotos neste projeto.

Até chegarmos na aldeia, não sabíamos o que nos esperava por lá, já que as informações sobre os índios brasileiros são escassas na internet, e até mesmo em alguns setores da Funai que tivemos contato.

A princípio o fato dos Paresis já estarem em contato com o homem branco há mais de 300 anos nos desanimou, mas foi por meio deste processo de aculturação que conseguimos fazer uma abordagem interessante para o nosso projeto. Se os índios não tivessem camionetes 4x4, dificilmente conheceríamos a Ponte de Pedra, por exemplo.

Como ficamos acampados dentro da reserva, apuramos, observamos e fotografamos tudo que estava ao nosso alcance e o que nos permitiram e o que nos mostraram, já que dentro da aldeia há diversas normas e regras que devem ser seguidas e respeitadas.

6 CONSIDERAÇÕES

O foto-ensaio é uma história em fotografias que procura analisar a realidade e opinar sobre ela (fotografia com ponto de vista). Muitas vezes, nos foto-ensaios o texto é tão importante quanto a imagem, ocupando uma extensa superfície do espaço onde está inserida a peça. Inclusivamente, é frequente encontrar fotógrafos ensaístas que preferem as exposições e os fotolivros à imprensa como suportes de difusão para a sua obra.

Uma das diferenças mais significativas e comuns entre as foto-reportagens e os foto-ensaios na actualidade reside na abertura destes últimos a formas alternativas de expressão. Por exemplo, em alguns foto-ensaios (a própria denominação do género é relevante) os fotógrafos não hesitam em recorrer à encenação fotográfica; noutros, recorrem à truncagem e à combinação de imagens (que não necessitam de ser exclusivamente fotográficas); noutros ainda, manipulam digitalmente a fotografia. Todavia, em todos os casos os processos relatados são notoriamente detectáveis e assumidos como uma forma necessária de colocar a expressão ao serviço da intenção, ou seja, ao serviço da análise do real, da interpretação do real, da assunção de um ponto de vista sobre a realidade. (SOUSA, J. P. Fotojornalismo - Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS:

ROBERTO, C.O. **O índio e o mundo dos brancos**. Brasília: Editora Três, 1981.

ZUANETTI, R.; REAL, E.; MARTINS, N. **Fotógrafo: o olhar a técnica e o trabalho**. São Paulo: Senac, 2004.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentimento do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SALGADO, S. **Terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **S. Êxodos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SOUSA, J. P. **Fotojornalismo** - Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Porto: Letras Contemporâneas, 2002.

PERIÓDICOS:

Amazônia ano 1000. National Geographic, página 30-49, São Paulo, Brasil, Abril Editora.

MARTINS, J. S. **A Imagem Incomum**: a fotografia dos atos de fé no Brasil. Estudos Avançados. 16 (45): 223-260. 2002.

SCHADEN, E. **Aculturação Indígena**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1969.

PROJETOS EXPERIMENTAIS:

LEWIN, L. **Ñandeva Ekuéry, todos os que somos nós**. (Projeto Experimental de Jornalismo) Taubaté, SP: Universidade de Taubaté, 2006.

GOMES, C. F. **Cuba livre** (Projeto Experimental de Jornalismo) Taubaté, SP: Universidade de Taubaté, 2009.

CASTRO, J. G. V. C de. **Tantos Ritos** (Projeto Experimental de Jornalismo) Taubaté, SP: Universidade de Taubaté, 2009.

SITES:

Blog do fotógrafo Joey Lawrance. Disponível em:

<<http://www.joeyl.com/blog/>> Acesso em 28 de nov. 2010.

Fundação Nacional do Índio (Banco de dados). Disponível em:

<<http://www.funai.gov.br/>>. Acesso em 28 de nov. 2010.

Site do fotógrafo Sebastião Salgado (banco de dados). Disponível em:

<<http://www.sebastiaosalgado.com>>. Acesso em 27 de nov. 2010.